

**Da inocência à consciência: A evolução da bondade
em Dostoiévski — Míchkin e Aliócha como arquétipos éticos**
**From innocence to consciousness: The evolution of goodness
in Dostoevsky – Myshkin and Alyosha as ethical archetypes**

LARA PASSINI VAZ-TOSTES¹

Resumo: O presente artigo propõe uma leitura comparativa das figuras do príncipe Míchkin, de *O idiota*, e de Aliócha Karamázov, de *Os irmãos Karamázov*, como dois modos de encarnação da bondade no universo dostoiévskiano. Enquanto Míchkin representa a inocência luminosa e a pureza inata que sofre por não compreender o mal, Aliócha expressa a maturidade espiritual daquele que, conhecendo o sofrimento, escolhe permanecer no bem. A análise parte de uma perspectiva hermenêutica e filosófica, inspirada em Paul Ricoeur e Emmanuel Levinas, para examinar a passagem da bondade como graça passiva à bondade como escolha ética e consciente. Essa transição revela, em Dostoiévski, uma pedagogia do amor e da vulnerabilidade moral que supera o heroísmo retórico, transformando a compaixão em escuta ativa e em responsabilidade pelo outro.

Palavras-chaves: Dostoiévski; bondade; ética; Míchkin.

Abstract: This article offers a comparative reading of Prince Myshkin, from *The idiot*, and Alyosha Karamazov, from *The Brothers Karamazov*, as two distinct embodiments of goodness within Dostoevsky's moral universe. While Myshkin represents luminous innocence and innate purity that suffers from not understanding evil, Alyosha embodies spiritual maturity – the one who, aware of suffering, consciously chooses the good. Drawing on a hermeneutic and philosophical approach inspired by Paul Ricoeur and Emmanuel Levinas, the paper examines the transition from goodness as passive grace to goodness as an ethical and conscious choice. This movement reveals, in Dostoevsky, a pedagogy of love and moral vulnerability that transcends rhetorical heroism, transforming compassion into active listening and responsibility for the Other.

Keywords: Dostoevsky; goodness; ethics; Myshkin.

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-1954-0452>.

1. Introdução

Em toda a obra de Fiódor Dostoiévski, a questão da bondade é mais do que um tema moral: é uma experiência ontológica, uma tentativa de compreender o que resta de divino no humano quando tudo parece corrompido. O autor não concebe o bem como virtude moral abstrata, mas como presença viva – um modo de ser diante do sofrimento do outro. O bem, em Dostoiévski, não é uma ideia, mas uma ferida que respira. É a carne do espírito tocada pela alteridade. Por isso, a bondade em seus romances não é uma perfeição, e sim um risco: o risco de permanecer humano em um mundo em ruínas.

No centro dessa travessia estão duas figuras que condensam, de modos distintos, a vocação espiritual de Dostoiévski: o príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, de *O idiota* (1869), e Aliócha Karamázov, de *Os irmãos Karamázov* (1880). Míchkin encarna a graça inocente – a bondade como dom natural, pura, não mediada pela consciência; Aliócha, por sua vez, manifesta a bondade amadurecida, que nasce do reconhecimento do mal e da escolha ativa de permanecer no bem. Ambos são, à sua maneira, «figuras cristológicas» (Frank, 2010: 297), mas em tempos distintos da alma humana: Míchkin é o Cristo sofredor, impotente diante do mal que não compreende; Aliócha é o Cristo pedagogo, que transforma a dor em comunhão.

Segundo Berdiaev (1972: 134), a literatura dostoiévskiana é a mais alta revelação da «li-

berdade moral como experiência de abismo». Para ele, o bem só pode ser entendido quando passa pela liberdade e pelo sofrimento. Míchkin é o símbolo desse paradoxo: sua inocência angelical, incapaz de julgar, o torna vulnerável à corrupção dos outros – sua pureza é também sua perdição. Em *O idiota*, a bondade não salva o mundo; é o mundo que crucifica a bondade. A tragédia de Míchkin consiste em encarnar o amor absoluto num espaço que só reconhece a força, a ironia e o cálculo. Sua vida é uma tentativa de fazer o impossível: permanecer puro entre os impuros, amar sem distinção.

Em *Os irmãos Karamázov*, porém, Dostoiévski parece ter alcançado outra etapa da consciência do bem. Aliócha já não é a pureza inconsciente, mas a consciência compassiva. Ele vê o mal, reconhece a queda e, ainda assim, escolhe a escuta. A fé de Aliócha é madura, porque nasce do encontro com o desespero de Ivan, com o cinismo de Fiódor Pávlovitch e com o sofrimento dos inocentes. O que nele permanece luminoso não é ingenuidade, mas discernimento. Como observa Nussbaum (1990: 412), em Dostoiévski «o bem é sempre relacional»: ele se constitui entre rostos, na vulnerabilidade mútua. Aliócha encarna esse amor que escuta e permanece – um amor que compreende a impossibilidade do mundo e, ainda assim, o escolhe.

A transição entre Míchkin e Aliócha é, portanto, mais do que uma sucessão de personagens: é uma evolução espiritual da própria ideia de

bondade. Ricoeur (1990: 202) descreve a ética como o desejo de «vida boa, com e para os outros, em instituições justas». Míchkin deseja o bem como pureza individual, enquanto Aliócha o realiza no vínculo – o bem deixa de ser inocência isolada e se torna convivência, reciprocidade, ato educativo. A bondade de Míchkin é presença contemplativa; a de Aliócha, presença transformadora. Nesse sentido, Dostoiévski antecipa o que Levinas (1988: 95) chamaria de *responsabilidade infinita*: a bondade como resposta ao apelo silencioso do outro, mesmo quando o outro destrói.

A literatura dostoiévskiana, em sua dimensão ética, é também uma crítica ao heroísmo retórico moderno – aquele que fala do bem sem vivê-lo. Figuras como Ivan Karamázov ou Verkhóvenski, em *Os demônios*, encarnam a inteligência moral que se perdeu em discurso: falam da justiça, mas produzem abismo. Em contraste, Míchkin e Aliócha representam o herói silencioso – o que não prega o bem, mas o sofre e o faz. Como observa Girard (1996: 54), Dostoiévski desloca o eixo do heroísmo: «seus verdadeiros heróis são vítimas da bondade, não da glória».

Assim, a presente investigação propõe compreender como, entre *O idiota* e *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski constrói uma pedagogia da bondade. A leitura aqui proposta parte de uma hermenêutica literária e filosófica inspirada em Ricoeur e Levinas, articulando o

pensamento da alteridade e da narrativa com a experiência do bem como presença encarnada. O objetivo é demonstrar que, ao passar da inocência à consciência, Dostoiévski não abandona a pureza – ele a educa. Míchkin é a semente; Aliócha, o fruto maduro.

Como lembra Cassedy (2005: 41), «a religião de Dostoiévski não é doutrina, mas atenção». Essa atenção – o olhar e o escutar – constitui o verdadeiro gesto ético em sua obra. É o olhar de Míchkin sobre Nastássia Filíppovna, o toque silencioso de Aliócha sobre as crianças, o perdão que não se anuncia. Dostoiévski, assim, constrói uma teologia da presença e uma filosofia da vulnerabilidade. Em ambos os personagens, a bondade é o oposto da retórica: é o silêncio que sustenta o humano.

A passagem de Míchkin a Aliócha é, em última instância, a passagem do ser puro ao ser ético – do amor contemplativo ao amor responsável. É também o percurso de Dostoiévski enquanto pensador da alma: da perplexidade diante do bem inoperante à descoberta de uma ética ativa e terna, que faz do sofrimento um lugar de comunhão. A bondade inocente de Míchkin se dissolve no caos; a bondade consciente de Aliócha se torna o germe de uma comunidade espiritual. Entre ambos, Dostoiévski ensina que a verdadeira santidade não é a perfeição, mas a permanência no bem, mesmo quando tudo parece perdido.

2. A figura do homem bom em Dostoiévski: da retórica à presença

A literatura de Dostoiévski é uma vastidão moral onde o bem e o mal não se opõem de forma maniqueísta, mas se entrelaçam como forças em tensão contínua. Nesse campo de forças, a figura do homem bom emerge como o verdadeiro paradoxo ético: ele não vence, não persuade, não domina – apenas permanece. Sua força é o desamparo; seu poder, a vulnerabilidade. Em um mundo corrompido pela vaidade e pela racionalização do egoísmo, o bem dostoiévskiano aparece como um tipo de silêncio ontológico: o modo como o humano resiste à sua própria ruína.

Dostoiévski compreende a bondade como um acontecimento e não como uma qualidade moral. Ela não é atributo, mas presença. Sua manifestação não depende de preceito nem de convicção, mas do encontro entre um eu e um outro – encontro no qual o eu é desarmado e, ao mesmo tempo, convocado. O bem, para Dostoiévski, só pode existir na relação; e toda relação autêntica é risco. Assim, o «homem bom» não é aquele que domina os códigos da virtude, mas aquele que aceita ser afetado pelo sofrimento alheio. Ele é, portanto, um ser permeável, um ser que não se fecha diante da dor. É nessa permeabilidade que reside sua grandeza e sua tragédia.

A diferença fundamental que atravessa o universo dostoiévskiano é a que separa o discurso do bem da presença do bem. Essa distinção é

o coração ético de sua obra. Os que discursam – Ivan Karamázov, Verkhóvenski, Raskólnikov – articulam teorias do bem e da justiça; são racionais, eloqüentes, brilhantes. Mas, como observa Girard (1996: 54), «sua palavra é desprovida de carne». O discurso, em Dostoiévski, tende ao demoníaco quando se afasta da experiência concreta da alteridade. O verbo que não encarna é vaidade.

Por outro lado, os que vivem o bem – Míchkin, Aliócha, Zóssima – não falam quase nada sobre ele. Sua bondade é acontecimento encarnado: gesto, olhar, presença. É o que Ricoeur (1990: 289) chamaria de «ética como modo de ser e não como sistema normativo». Dostoiévski desloca o eixo da moral moderna, que se funda no discurso e na norma, para uma ética da relação, fundada na resposta silenciosa. É aqui que a filosofia da alteridade de Levinas (1988: 95) encontra em Dostoiévski sua expressão literária mais profunda: o bem nasce quando o rosto do outro me obriga a responder, mesmo que eu não saiba como.

2.1. O herói retórico e a falência da palavra moral

Dostoiévski diagnostica em seu tempo uma crise espiritual que é, antes de tudo, uma crise da palavra. A modernidade, para ele, substituiu a fé pela ideia e a compaixão pela argumentação. Ivan Karamázov, em *Os irmãos Karamázov*, é o retrato desse impasse: sua inteligência filosófica, embora luminosa, o conduz à desesperança. Ao formular o célebre protesto

«não aceito o bilhete de entrada» (Dostoiévski, 2014: 341), Ivan nega a possibilidade de justificar o sofrimento inocente – e, ao fazê-lo, destrói também a possibilidade da fé. Ele é o homem que ama a justiça, mas não o justo; o que ama a ideia do bem, mas não o outro. Seu heroísmo é retórico, não ético.

O mesmo se observa em Piotr Verkhóvenski, de *Os demônios*. Ele fala pela revolução, pela liberdade, pela causa humana – mas suas palavras são apenas máscaras da ambição. Verkhóvenski é o orador demoníaco: o que transforma o verbo em arma. Berdiaev (1972: 141) o identifica como símbolo da modernidade sem alma: «o homem que perdeu Deus e substituiu o espírito pela oratória». Ao lado dele, Stávroguin representa o abismo do niilismo puro – a ausência total de fundamento ético.

O mesmo drama se repete em Raskólnikov, de *Crime e castigo*. Seu raciocínio moral é impecável, mas seu ato – o assassinato – revela o colapso entre pensamento e ser. Ele mata em nome de uma tese, não por maldade. Sua tragédia não é o crime, mas o raciocínio que o antecede. Como observa Frank (2010: 214), «Raskólnikov é a inteligência desligada da carne». A bondade discursiva, em todos esses casos, converte-se em desespero porque não se ancora na alteridade concreta.

Dostoiévski, portanto, denuncia o que poderíamos chamar de a falência da palavra moral. O verbo perdeu o corpo, e a ética perdeu o

rostro. O «homem bom», ao contrário, recupera o verbo na carne: sua palavra é ato, seu silêncio é linguagem. Míchkin, quando diz a Nastássia «você não é culpada» (Dostoiévski, 2013: 198), não pronuncia uma tese – ele a ressuscita simbolicamente. Seu dizer é performativo: cria mundo, devolve dignidade.

2.2. A bondade como escuta encarnada

A bondade dostoiévskiana, portanto, é inseparável da escuta. Ouvir, em seus romances, é o mais alto ato moral. O homem bom é aquele que escuta até o que não é dito – o que está entre as palavras, nos silêncios, nas lágrimas e nas pausas. Aliócha é o exemplo mais luminoso disso. Ele não convence ninguém pela lógica, mas pela atenção. Ele é, como diria Levinas (1988: 99), «a orelha aberta do mundo».

Míchkin também escuta, mas sua escuta é inocente, não crítica. Ele se confunde com o que ouve, não estabelece fronteiras. É o santo anterior à experiência. Já Aliócha escuta com discernimento: é o santo pedagogo, que ouve e traduz. Essa diferença marca o amadurecimento da bondade: do ouvir passivo ao ouvir ativo. É o mesmo percurso que Ricoeur (1990: 287) descreve entre a ética da intenção e a ética da sabedoria prática – entre o «desejar o bem» e o «fazer o bem com os outros».

A escuta é também o oposto da retórica. Enquanto o herói moderno fala para afirmar-se, o homem bom escuta para compreender. Sua ética é dialógica, não monológica. Por isso, a

bondade em Dostoiévski é frágil, mas fecunda: não convence, mas transforma. O starets Zósima, ao ouvir as confissões de seus discípulos, não argumenta, apenas acolhe. Seu silêncio tem densidade teológica – ele é a palavra que cede espaço ao outro. Cassedy (2005: 58) interpreta essa atitude como o «gesto teológico da humildade»: a substituição do saber pela escuta.

2.3. *Do discurso ao testemunho: a transfiguração do bem*

A passagem da retórica à presença é, em última instância, uma transfiguração espiritual. O bem que antes era conceito torna-se testemunho. Míchkin e Aliócha não «sabem» o que é o bem – eles o encarnam. A sabedoria, aqui, não é lógica, mas sintonia. Por isso, a bondade é muitas vezes descrita por Dostoiévski em termos de luz, calor, vibração: «era como se uma luz saísse dele e aquecesse os outros» (Dostoiévski, 2013: 220). O bem é radiação ontológica.

Essa forma de bondade é teologicamente radical porque desloca o sagrado do dogma para a relação. Como lembra Berdiaev (1972: 145), «em Dostoiévski, Deus não está na lei, mas no rosto do outro». Míchkin vê esse rosto e se comove; Aliócha o contempla e se compromete. A passagem do primeiro ao segundo é o amadurecimento da própria consciência religiosa do autor. Em *O idiota*, o bem é a inocência ferida; em *Os irmãos Karamázov*, é a comunhão restaurada.

Essa transformação também implica uma nova ideia de heroísmo. O herói clássico é aquele que vence por força; o herói moderno, o que afirma sua vontade; o herói dostoiévskiano, o que se oferece. Girard (1996: 58) chama essa inversão de «revolução cristológica do heroísmo»: a glória é substituída pela compaixão. Míchkin e Aliócha são, nesse sentido, anti-heróis luminosos: seres que revelam que o bem verdadeiro é desarmado.

A «presença» de que fala Dostoiévski não é mera coexistência física, mas presença espiritual – o estar que sustenta, o olhar que vê, o silêncio que compreende. O homem bom é aquele que se torna espaço habitável para a dor do outro. Ricoeur (1990: 203) definiria isso como «a hospitalidade da alma». É por isso que Míchkin é visto como louco: ele não tem defesas. E é por isso que Aliócha é visto como santo: ele tem consciência do risco e, mesmo assim, o aceita.

2.4. *O bem como caminho e não como posse*

Em Dostoiévski, o bem não é um estado, mas uma travessia. Ninguém é bom «de uma vez por todas»; a bondade é sempre um processo em movimento. Mesmo Aliócha, que parece realizado, está em constante aprendizado. Ele é discípulo, nunca mestre. A pureza de Míchkin é ponto de partida, não de chegada. Como diz Ricoeur (1990: 284), «a ética é uma narrativa inacabada do ser». Essa incompletude é o que mantém o bem vivo.

A figura do homem bom, portanto, não é modelo, mas convite. Ela não se propõe a ser imitada, mas compreendida. Míchkin e Aliócha mostram que o bem não se transmite por doutrina, mas por contágio – pela vibração moral de um ser presente. E é justamente essa vibração que o mundo moderno, com seu culto à eficácia e à razão, perdeu. Dostoiévski escreve para reabrir esse espaço de vibração. Sua literatura é, ao mesmo tempo, denúncia e oração: denúncia do vazio ético e oração pelo retorno da presença.

A passagem da retórica à presença é, assim, o núcleo ético e teológico de sua obra. O «homem bom» é aquele que restitui o sagrado ao cotidiano, o que devolve ao verbo a espessura da carne. Em sua bondade silenciosa, ele encarna o que Levinas (1988: 107) chama de *proximidade infinita*: uma relação que não se fecha em reciprocidade, mas permanece aberta, assimétrica, vulnerável. Essa abertura é a própria definição de amor em Dostoiévski – o amor que escuta, sofre e perdoa sem recompensa.

Em suma, o homem bom em Dostoiévski é o contrário do herói triunfante. Ele não é solução, é ferida aberta. Sua bondade é um tipo de sabedoria sensível, uma teologia vivida no corpo. Ele é aquele que, mesmo esmagado pelo mal, se recusa a deixar de amar. E é nesse gesto silencioso – no não desistir – que Dostoiévski encontra o verdadeiro sentido do humano. O bem, afinal, não é a vitória sobre o

mal, mas a decisão de continuar sendo bom mesmo quando o mal vence. Essa é a forma mais alta de heroísmo e a mais discreta.

3. Míchkin: o inocente trágico e a graça que sofre

O príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin é o mais arriscado experimento ético de Dostoiévski: a tentativa de imaginar um homem absolutamente bom inserido em um mundo incapaz de acolher o bem. Sua presença em *O idiota* (1869) é a de uma luz deslocada, um corpo espiritual introduzido num espaço que desconhece o idioma da pureza. Ele chega de trem, vindo da Suíça, como quem retorna de um outro tempo: pobre, sem posses, sem ambição, portando apenas a estranha serenidade de quem nunca aprendeu a se defender (Dostoiévski, 2013: 31). Desde o início, Dostoiévski o caracteriza como «homem sem máscaras», expressão que, em Berdiaev (1972: 138), define a essência da graça: a transparência que antecede a queda. Míchkin não tem camadas; ele é toda superfície vulnerável.

Sua bondade não é construída, nem deliberada: é uma disposição ontológica, uma espécie de respiração natural. Ele não busca ser virtuoso – apenas é. Essa inocência, no entanto, contém o germe da tragédia. O mundo em que entra, dominado por dinheiro, vaidade e ressentimento, reage a ele como o corpo reage a uma ferida aberta: com rejeição. Míchkin funciona como espelho moral de todos ao seu redor. Sua simples presença desmascara os outros,

pois reflete aquilo que perderam – a capacidade de sentir sem cálculo. Ao aproximar-se de Nastássia Filíppovna, por exemplo, ele a vê com uma ternura que não deseja, um amor sem objeto, que não procura salvar, mas reconhecer. O escândalo de Míchkin é amar sem querer possuir. Ninguém o entende porque ninguém mais conhece o amor gratuito.

Dostoiévski, com seu olhar de psicólogo teológico, constrói nesse personagem a pergunta que sustenta todo o romance: é possível existir bondade absoluta no mundo real? O próprio autor duvida da resposta. «O príncipe é belo demais para o mundo», parece sussurrar cada página – e o mundo, incapaz de suportar a beleza, o destrói. Míchkin não se opõe à maldade; ele a atravessa, como quem caminha dentro de um incêndio sem saber que o corpo queima. Quando Rogójin tenta assassiná-lo, ele o perdoa de imediato, dizendo: «Eu compreendo você» (Dostoiévski, 2013: 418). Essa compreensão não é racional, é ontológica: nasce da empatia como conhecimento. Berdiaev (1972: 140) chama esse modo de saber de «gnose do coração» – uma sabedoria que não analisa, mas acolhe.

A compaixão, em Míchkin, é sua forma de inteligência. Ele conhece o outro por contágio afetivo, não por juízo. Nisso, aproxima-se da ideia levinasiana de *responsabilidade infinita*, segundo a qual o sujeito não escolhe o outro, mas é escolhido por ele (Levinas, 1988: 95). Míchkin não decide perdoar: o perdão sim-

plesmente o atravessa, como respiração involuntária. Por isso, sua bondade é pura e, ao mesmo tempo, devastadora. Não tendo fronteiras entre si e o mundo, ele acolhe tudo – o belo e o cruel – e acaba consumido por aquilo que deveria transformar. Sua pureza é o dom e o castigo.

Dostoiévski o desenha com traços paradoxais: «O príncipe era pálido e de expressão infantil; algo nele lembrava a doçura de Cristo, mas também a fragilidade de um enfermo» (Dostoiévski, 2013: 57). A doença – a epilepsia – não é apenas dado biográfico, mas símbolo da tensão entre o humano e o divino. Os ataques, descritos com lirismo quase místico, funcionam como momentos de revelação: «Sentia-se inundado por uma paz indescritível; era como se compreendesse o sentido de tudo» (Dostoiévski, 2013: 219). Nesse instante de lucidez iluminada, o corpo não suporta a verdade. A epilepsia é a metáfora fisiológica da graça – contato com o absoluto que o organismo não aguenta. Como observa Frank (2010: 303), Míchkin é «o Cristo que toca o infinito e desaba sob o peso da luz».

Sua santidade é, portanto, trágica. Ele não é santo porque domina a si mesmo, mas porque se perde nos outros. A sociedade o chama de «idiota», não por ignorância, mas por perceber que seu modo de existir desorganiza a ordem estabelecida. Míchkin não compete, não julga, não deseja; e isso o torna ilegível. O bem, em seu estado mais puro, se torna escândalo.

Ricoeur (1990: 217) afirmaria que «a bondade autêntica é escandalosa porque recusa a reciprocidade da violência». Míchkin recusa toda reciprocidade – inclusive a do amor que espera retribuição.

Sua relação com Nastássia Filíppovna exemplifica o destino paradoxal da graça. Ele tenta libertá-la do desespero, mas seu amor a destrói, pois ela não suporta ser vista sem julgamento. A compaixão dele lhe devolve um espelho em que aparece sem culpa – e é justamente essa inocência devolvida que a enlouquece. O bem de Míchkin, ao contrário do que desejaria, não redime: revela a impossibilidade de redenção quando o outro não aceita ser amado. O gesto de salvá-la transforma-se em catástrofe simbólica. Ele sofre não por fracasso moral, mas por excesso de pureza.

No fundo, Míchkin não compreende o mal, e é isso que o destrói. Ele não entende o ódio porque não o possui. Sua lógica é a da inocência: ele acredita que o sofrimento purifica, que o perdão cura, que o amor basta. Mas Dostoiévski, já em plena maturidade trágica, sabia que o amor puro não basta – é preciso consciência. Míchkin é o amor sem consciência, o Cristo sem ressurreição. Sua compaixão é tão imediata que o impede de agir com discernimento. Ele vê a dor, mas não sabe o que fazer com ela. E por não saber, apenas sofre.

Essa impotência ética é também sua grandeza espiritual. Dostoiévski faz dele o mártir

do sentir, a figura que antecipa o Aliócha de *Os irmãos Karamázov*, mas sem a sabedoria do aprendizado. Enquanto Aliócha escolherá o bem apesar do mal, Míchkin o encarna sem saber o preço. A pureza de um é o prelúdio da consciência do outro. Entre ambos, Dostoiévski delinea a evolução espiritual do bem: da graça inata à graça escolhida. Míchkin representa o primeiro tempo da bondade – o da inocência que sofre; Aliócha, o segundo – o da consciência que age.

Ao final do romance, o príncipe é vencido não por inimigos, mas pelo próprio excesso de luz. O mundo não o mata – ele simplesmente o consome. A cena final, em que é encontrado ao lado do corpo de Nastássia, mergulhado em um silêncio quase inumano, encerra a tragédia da bondade absoluta: ela não pode coexistir com a lógica do mundo. Berdiaev (1972: 142) observa que «em Dostoiévski, a santidade é inseparável da dor; o santo é aquele que carrega o peso do impossível». Míchkin carrega esse impossível até o fim. Seu destino não é o fracasso, mas a crucificação simbólica: a vitória da pureza em forma de ruína.

O «idiota» de Dostoiévski é, assim, o mártir da empatia, o santo da vulnerabilidade. Ele demonstra que a bondade, quando levada ao limite, se transforma em loucura – não porque se corrompa, mas porque o mundo não a suporta. Frank (2010: 301) descreve-o como «o Cristo que viveu no século XIX e enlouqueceu». Essa loucura, porém, é reveladora: ela mostra

o quanto o mal está normalizado, e o quanto o bem se tornou anômalo. Míchkin é o diagnóstico espiritual de uma era que perdeu o sentido do sagrado.

No limite, o príncipe representa o que Levinas (1988: 107) chamaria de *proximidade infinita*: uma disposição de amar que não se mede, que não cessa. Sua bondade é presença radical, e a presença é, em Dostoiévski, a forma mais alta de fé. Míchkin não prega, não doutrina, não converte – apenas está. E é esse «estar», tão simples e tão raro, que o torna espelho do divino. Se a literatura moderna quis criar o homem consciente de sua liberdade, Dostoiévski cria o homem consciente de sua compaixão. Míchkin é essa consciência encarnada: o humano em estado de transparência.

Ao encerrarmos sua trajetória, o que resta é o silêncio. O silêncio de quem viu o bem e não conseguiu traduzi-lo em linguagem. O silêncio como testemunho do indizível. O silêncio que antecipa o Aliócha que virá – aquele que aprenderá a falar sem perder a pureza. Míchkin é a infância do amor; Aliócha, sua maturidade. Em ambos, o bem é uma forma de presença, e a presença, uma forma de salvação.

4. Aliócha Karamázov: o discípulo do amor encarnado

Se Míchkin representa o escândalo da pureza em um mundo incapaz de acolhê-la, Aliócha Karamázov simboliza o passo seguinte da consciência moral em Dostoiévski – o instante em que a inocência se torna sabedoria e a compaixão se transforma em caminho. Em *Os irmãos Karamázov* (1880), Aliócha surge como figura de transição: o homem que, tendo conhecido o sofrimento, escolhe o bem com lucidez. Ele é, ao mesmo tempo, herdeiro de Míchkin e resposta a seu fracasso. Onde o príncipe foi destruído pela graça, Aliócha aprende a sustentá-la no cotidiano; onde o primeiro amou com pureza ingênua, o segundo ama com discernimento silencioso. É como se Dostoiévski, ao final de sua vida, tivesse reencontrado no jovem Karamázov uma forma de santidade possível – não mais a do êxtase, mas a da permanência.

A narrativa o introduz como «monge noviço, ainda sem votos» (Dostoiévski, 2014: 29), uma definição simbólica: Aliócha vive na fronteira entre o mundo e o mosteiro, entre a pureza contemplativa e a ação concreta. Ele é o mediador entre o espiritual e o humano, entre a fé e a carne. Ao contrário de Míchkin, que desconhece o mal, Aliócha o vê de perto – na crueldade do pai, na dúvida de Ivan, na amargura de Dmitri –, e, no entanto, não se contamina. Ele não nega a sombra; aprende a caminhar ao lado dela. Como escreve Berdiaev

(1972: 161), «Aliócha é o homem que não foge do mal, mas o atravessa com serenidade; sua fé é a coragem de permanecer puro no meio do abismo».

A bondade de Aliócha é uma forma de consciência, não de ingenuidade. Ele não é o santo que paira sobre o mundo, mas aquele que o habita com ternura. Seu aprendizado espiritual começa no convívio com o starets Zóssima, cuja pedagogia da humildade o ensina que a fé verdadeira não é a crença em dogmas, mas o reconhecimento da fragilidade humana. O starets diz-lhe: «A cada instante, e em toda criatura, vê o reflexo de Deus» (Dostoiévski, 2014: 74). Essa frase condensa a ética de Aliócha: olhar o outro é já rezar. É pela atenção que ele se aproxima do divino – a atenção como forma de amor. Cassedy (2005: 63) interpreta essa relação como a transposição literária de uma espiritualidade da escuta: em Dostoiévski, o sagrado não fala, escuta.

Ao contrário de Míchkin, que vive uma bondade passiva, Aliócha atua. Sua compaixão é movimento, gesto, partilha. Ele se torna guia espiritual não por autoridade, mas por exemplo silencioso. Sua presença, como a do mestre, cura o desespero não com respostas, mas com convivência. Quando se aproxima das crianças após a morte de Ilhucha, não lhes oferece consolo metafísico, mas companhia. O que comunica é simples e inquebrável: «Lembremo-nos de Ilhucha e amemo-nos uns aos outros» (Dostoiévski, 2014: 782). Essa

frase, tão singela, contém a síntese da ética dostoiévskiana: o amor é memória ativa, permanência na presença do outro mesmo após a ausência. Aliócha ensina que o bem não se impõe – permanece.

Sua bondade, porém, não é fácil. Dostoiévski a submete à prova da dúvida e da carne. Aliócha sente a tentação de abandonar o mosteiro, de entregar-se ao amor humano e às paixões terrenas. Ele vive a tensão entre o espírito e o corpo, entre o ideal e o desejo, e essa tensão o humaniza. Sua santidade é feita de ambivalência e reconciliação, não de pureza intocada. Ele aprende que a fé não elimina a dúvida, mas a atravessa. Ricoeur (1990: 226) afirma que «a verdadeira ética é a do conflito interpretado, não da pureza imaculada». É exatamente esse tipo de ética que Aliócha encarna: uma bondade que não ignora o mal, mas o transforma em matéria de compaixão.

Levinas (1988: 102) chamaria essa disposição de «proximidade responsável»: o ato de se manter voltado para o outro mesmo quando o outro ameaça o próprio equilíbrio. Em Aliócha, essa responsabilidade se expressa pela escuta. Ele não tenta convencer Ivan de que Deus existe; apenas o ouve. Esse ouvir é seu modo de amar. Enquanto o intelectual busca razão, o santo oferece presença. «Você não respondeu à minha pergunta», diz Ivan. «Talvez», responde Aliócha, «porque o amor não responde, apenas permanece» (Dostoiévski, 2014: 480). A cena é um dos momentos mais sublimes do

romance, pois mostra o deslocamento do eixo da verdade: da palavra para o olhar. A fé, em Dostoiévski, é relação, não dogma.

A trajetória de Aliócha pode ser lida como uma pedagogia da graça. Tudo o que em Míchkin era espontâneo e inconsciente torna-se, nele, aprendido e escolha. Sua bondade é a segunda etapa do mesmo movimento espiritual: o bem que amadureceu. Ele compreende que amar o mundo é também servir a ele, e que o sagrado só se realiza no gesto humano. Por isso, deixa o mosteiro, indo ao encontro das dores concretas da vida. Essa saída simboliza a descida da fé à Terra – o amor que não se refugia, mas se compromete. Como escreve Frank (2010: 442), «em Aliócha, Dostoiévski encontra a encarnação da fé possível: uma santidade prática, que vive o divino no humano».

A diferença entre Míchkin e Aliócha, portanto, não é de natureza, mas de grau de consciência. O primeiro é a bondade que sofre; o segundo, a bondade que age. Míchkin é a pureza antes da queda; Aliócha, a pureza depois do conhecimento. Um representa a graça inocente, o outro, a graça lúcida. A transição entre ambos é a passagem da compaixão como êxtase à compaixão como ética. É, também, o percurso do próprio Dostoiévski: do espanto místico ao amor como compromisso humano. Berdiaev (1972: 164) observa que «Aliócha é o filho espiritual de Zóssima, mas também o filho da experiência: nele, a fé se torna ação, e o milagre, pedagogia».

É significativo que Aliócha termine o romance entre crianças, e não entre adultos. Sua missão não é converter o mundo, mas ensinar a ternura. A infância, para Dostoiévski, é metáfora da pureza possível – não a pureza de quem nunca errou, mas a de quem recomeça. Ao pedir que as crianças nunca se esqueçam de Ilhucha, Aliócha inaugura uma ética da memória e da esperança. O bem, nele, é sempre comunitário. Ele compreende que a santidade isolada se torna ineficaz; que a pureza precisa de partilha. Seu amor é o que Ricoeur (1990: 203) chamaria de *vida boa com e para os outros*: o bem como convivência.

Dostoiévski, através de Aliócha, responde à pergunta que o perseguia desde *O idiota*: o que acontece com o Cristo se ele voltar ao mundo? A resposta, agora, é menos trágica. O Cristo encarnado em Míchkin enlouqueceu; o Cristo encarnado em Aliócha sobrevive, porque compreendeu que o bem absoluto precisa ser humilde. Ele aprendeu o que o príncipe não sabia: que amar não é dissolver-se, mas permanecer inteiro para poder sustentar o outro. A inocência amadureceu em responsabilidade. O bem, que antes era luz sem fronteiras, tornou-se calor que aquece sem cegar.

Assim, Aliócha representa o estágio mais alto do itinerário ético de Dostoiévski: o herói que realiza o impossível – ser puro sem ser ingênuo, compassivo sem ser passivo, santo sem ser inumano. Sua bondade não é espetáculo, é presença. Ele vive a espiritualidade como es-

cuta e a fé como hospitalidade. É, no sentido de Levinas (1988: 110), o homem que «acolhe o rosto do outro como revelação». Essa acolhida é seu milagre silencioso.

No fim do romance, quando se despede das crianças sob o céu russo, Aliócha não promete paraísos nem certezas; apenas esperança. «Seremos bons, lembraremos de Ilhucha e nos amaremos» (Dostoiévski, 2014: 783). É a última palavra do livro – e talvez a mais simples de toda a obra de Dostoiévski. Depois de tantos gritos, crimes e filosofias, o autor encerra sua travessia com um convite à ternura. O bem, afinal, não é uma teoria, mas uma permanência. E Aliócha é essa permanência: o discípulo do amor encarnado, aquele que aprendeu a transformar a fé em gesto e o gesto em escuta.

5. Da inocência à consciência: a pedagogia da bondade

Entre Míchkin e Aliócha desenha-se o arco espiritual mais amplo da literatura dostoiévskiana: a travessia da inocência à consciência, da graça natural ao amor aprendido. Essa passagem, longe de marcar uma ruptura, expressa uma continuidade evolutiva da alma – a mesma luz em dois estágios de maturação. O primeiro, luminoso e trágico, é o da pureza que sofre; o segundo, sereno e fecundo, é o da pureza que compreende. Dostoiévski parece sugerir que o bem absoluto, se permanecer ingênuo, se autodestrói; mas, se aprender o discernimento sem perder a compaixão, torna-se

força transformadora. Essa é a pedagogia silenciosa que atravessa sua obra: o bem precisa ser educado para permanecer vivo.

A inocência de Míchkin é graça que desce do alto – um dom, não uma conquista. A consciência de Aliócha, ao contrário, é graça que se ergue do chão – fruto do convívio, da escuta e da escolha reiterada. Essa diferença, que pode parecer sutil, é o que marca a maturidade ética em Dostoiévski: a passagem da bondade como estado para a bondade como decisão. Míchkin é o Cristo que sofre o mundo; Aliócha é o Cristo que o sustenta. Entre ambos, o autor traça o percurso da fé que amadurece ao tocar a dor. Berdiaev (1972: 166) afirma que «a bondade inocente é um fogo que ilumina, mas consome; a bondade consciente é uma chama que aquece e permanece». O primeiro tipo de bem é êxtase; o segundo, sabedoria.

Em *O idiota*, o bem aparece como experiência de assombro. Míchkin não compreende a si mesmo: ele age como quem é movido por algo maior do que a razão. Sua pureza é imediata, desarmada, e por isso mesmo trágica. Ao final, sua presença revela o abismo entre a graça e o mundo: ele não consegue existir entre os homens sem enlouquecer. Já em *Os irmãos Karamázov*, o bem deixa de ser epifania e se torna pedagogia. O amor, agora, é aprendido, convivência e permanência. Aliócha compreende que a bondade não é um dom, mas um trabalho diário de atenção e renúncia. Ricoeur (1990: 203) descreve essa passagem

como a evolução da *vida boa* – o movimento da intenção ética à sabedoria prática. Em termos simbólicos, é o amadurecimento da luz: o instante em que ela deixa de cegar e começa a iluminar sem ferir.

Dostoiévski não abandona, com Aliócha, o ideal de santidade que experimentara em Míchkin; ele o encarna de modo mais humano. O príncipe é o anjo que desce e se desfaz; Aliócha é o homem que sobe e permanece. O primeiro ama sem fronteiras, o segundo ama com responsabilidade. Essa diferença ecoa o pensamento de Levinas (1988: 102), para quem a ética começa quando o eu assume o outro sem perder o si-mesmo. Míchkin dissolve o eu no outro – e por isso se destrói. Aliócha mantém o eu em abertura – e por isso floresce. O amor, em sua forma madura, não é fusão, mas presença relacional: o encontro em que cada um sustenta o outro sem devorá-lo.

Essa pedagogia da bondade é também uma pedagogia da atenção. Em Dostoiévski, escutar é o primeiro gesto ético e o mais divino. Tanto Míchkin quanto Aliócha são personagens da escuta – mas o modo como escutam define sua diferença. Míchkin ouve com o coração aberto demais: tudo o atravessa, tudo o fere. Ele é o ouvido do mundo. Aliócha, ao contrário, aprende a ouvir com discernimento: filtra, acolhe, traduz. Ele é o ouvido da comunidade. O que no primeiro era absorção, no segundo torna-se comunhão. O bem, assim, aprende a modular sua sensibilidade. Cassedy

(2005: 58) observa que «a espiritualidade de Dostoiévski amadurece quando a escuta deixa de ser passiva e se torna presença ativa». A bondade, quando educada, se transforma em sabedoria do cuidado.

Essa sabedoria, contudo, não é intelectual. Ela nasce da convivência com o sofrimento e se alimenta do concreto. Em *Os irmãos Karamázov*, Aliócha torna-se o centro irradiador de uma fé horizontal, terrena, onde o amor não se separa da realidade. Ele descobre que o sagrado não está na fuga do mundo, mas na atenção a cada rosto. O bem, aqui, deixa de ser transcendência e se torna imanência. Ricoeur (1990: 227) chamaria isso de *ética do próximo*: a fé que se realiza no gesto. O que em Míchkin era milagre torna-se método; o que era iluminação torna-se cuidado. Essa transformação não é uma perda, mas um ganho: é o amadurecimento da luz que aprende a permanecer.

Dostoiévski parece dizer, através dessa transição, que o amor puro só pode salvar o mundo quando desce à Terra. O príncipe é a visão mística do bem; Aliócha, sua realização pedagógica. Um é a revelação; o outro, a continuidade. É como se o primeiro dissesse: «o bem existe», e o segundo completasse: «e pode ser ensinado». Entre ambos há um caminho: o da formação da consciência pela compaixão. A pedagogia da bondade é, portanto, a transformação da graça em aprendizado, a tradução do dom em método espiritual. Berdiaev (1972: 169) vê nesse movimento o coração da obra

de Dostoiévski: «a santidade, para ele, não é dádiva estática, mas vocação dinâmica; o homem santo é o que aprende a amar melhor».

Essa pedagogia, entretanto, não é racional nem doutrinária; ela se transmite por presença, por contágio de alma. O verdadeiro mestre em Dostoiévski – seja Zóssima, seja Aliócha – não ensina por conceitos, mas por convivência. O aprendizado se dá na relação viva, na experiência da ternura e da escuta. Essa forma de ensino é ética e teológica ao mesmo tempo: é o que Levinas (1988: 110) chamaria de *ensino pelo rosto*. O outro é o professor que não fala – é o que sofre, o que silencia, o que pede cuidado. Em Míchkin, esse ensino aparece como epifania; em Aliócha, como pedagogia da compaixão.

O ponto culminante dessa ética está na cena final de *Os irmãos Karamázov*, quando Aliócha fala às crianças sobre Ilhucha. Ali, o amor deixa de ser ideia e se torna comunidade. Ele não oferece respostas metafísicas, mas um pacto de memória e afeição: «Não esqueçamos uns aos outros e seremos felizes» (Dostoiévski, 2014: 783). É a última linha do romance – e também o desfecho simbólico de toda a filosofia moral de Dostoiévski. O bem não se impõe nem se explica: ele se transmite pela lembrança compartilhada. Aliócha transforma a dor em vínculo, a ausência em permanência. Ele não apaga o mal – ele o integra ao circuito da ternura. A pedagogia da bondade é, nesse sentido, uma pedagogia da esperança.

Em contraste com o heroísmo retórico que atravessa os demais romances, a lição de Aliócha é discreta, mas revolucionária: a verdadeira força está em permanecer no bem quando o bem parece inútil. Ele realiza o que Míchkin apenas pressentia – a possibilidade de viver o amor sem sucumbir a ele. O mundo não o destrói porque ele aprendeu a ser suave sem ser frágil. A consciência lhe deu o que faltava à inocência: estrutura. Ricoeur (1990: 240) chamaria isso de *ética da firmeza doce*: o equilíbrio entre fidelidade e vulnerabilidade.

Assim, o itinerário que une Míchkin e Aliócha não é apenas literário, mas espiritual: é a narrativa simbólica do amadurecimento da bondade no ser humano. Dostoiévski mostra que o bem não nasce pronto – ele se educa, se lapida, se reinterpreta diante do mal. A inocência é a origem da luz; a consciência, sua sustentação. O amor que apenas sente é belo, mas o amor que compreende é fecundo. Entre o êxtase e a permanência, o escritor russo descobre a essência da ética: amar não é ascender, é permanecer.

Por isso, a pedagogia da bondade em Dostoiévski não é uma doutrina sobre o bem, mas um modo de existir. Ela ensina que a pureza sem sabedoria é estéril, e que a sabedoria sem pureza é fria. Somente a união entre ambas produz o gesto moral que redime – o gesto que olha o outro e diz: «permaneço». Nesse olhar repousa o sentido último da travessia dostoiévskiana. O bem não é feito de vitória,

mas de fidelidade. É o instante em que, diante do desespero, o ser humano ainda escolhe cuidar. E é exatamente nessa escolha silenciosa – humilde, mas infinita – que Dostoiévski reconhece a salvação possível.

6. Conclusão – A bondade como forma de presença: entre inocência e consciência

A trajetória da bondade em Dostoiévski é a narrativa da alma humana em sua tentativa de permanecer íntegra diante do mundo. De Míchkin a Aliócha, o autor descreve a metamorfose de uma luz: da transparência inocente à lucidez compassiva. Ambos os personagens nascem do mesmo gesto divino – o gesto de amar sem cálculo –, mas se diferenciam pela forma como sustentam esse amor no tempo. Míchkin é a pureza que se oferece e se desfaz; Aliócha, a pureza que permanece e educa. Entre um e outro, Dostoiévski inscreve a mais profunda das lições éticas: o bem não se define por sua força, mas por sua fidelidade ao outro.

Em *O idiota*, a bondade é um evento: irrompe como graça, fulgura como relâmpago e se consome no próprio brilho. O príncipe é o ser que ama sem compreender o preço do amor; ele não conhece o mal e, por isso, não pode se defender dele. Sua santidade é pura, mas cega – e o mundo, incapaz de suportar essa transparência, a destrói. Em *Os irmãos Karamázov*, a bondade se torna processo: ela se faz consciente, pedagógica, incorporada à vida.

Aliócha vê o mal, dialoga com ele, e ainda assim o escolhe como campo de amor. Onde Míchkin é o bem crucificado, Aliócha é o bem que aprende a respirar. Ambos são sagrados, mas em registros distintos: o primeiro como vítima, o segundo como mestre.

Dostoiévski compreende que a bondade pura é insustentável se não se tornar sabedoria. O príncipe, como uma chama sem moldura, se apaga no vento do mundo; Aliócha, como um lampadário protegido, mantém acesa a mesma chama dentro da vida cotidiana. É o mesmo fogo, mas agora domesticado pela consciência. O bem, para o autor, não é um êxtase a ser alcançado, mas uma presença a ser cultivada. E essa presença – silenciosa, vulnerável, mas firme – é o que ele reconhece como a verdadeira força espiritual. Berdiaev (1972: 171) observa que «em Dostoiévski, a santidade amadurece quando o amor deixa de ser visão e se torna fidelidade». Essa fidelidade é o que Aliócha representa: a continuidade do bem quando já não há milagre.

A pedagogia da bondade que o escritor formula, portanto, é uma pedagogia da escuta. Em um mundo saturado de vozes e de ideologias, Míchkin e Aliócha são os que ouvem. Ouvir, em Dostoiévski, é o modo mais radical de amar – é reconhecer no outro não o objeto do meu discurso, mas o limite da minha compreensão. A escuta é a forma ética do silêncio. Ela transforma a presença em abrigo e a vulnerabilidade em força. Essa é a verdadeira

revolução do bem: não uma vitória, mas uma hospitalidade. Levinas (1988: 110) chamaria esse gesto de «acolhimento infinito» – o movimento pelo qual o eu se abre ao outro sem desejar compreendê-lo totalmente.

Míchkin ouve o mundo e se desfaz; Aliócha ouve o mundo e o sustenta. Um se entrega sem forma, o outro transforma a entrega em cuidado. A diferença é de estrutura interior, não de amor. A pureza inicial precisava aprender o contorno da responsabilidade para não se dissolver. Ricoeur (1990: 236) descreve essa passagem como a educação da consciência moral: o momento em que o sentimento ético se torna escolha refletida. Essa é a passagem da graça ao *ethos*, da inocência à consciência – o caminho que faz da bondade uma virtude madura, capaz de se manter mesmo na escuridão.

Dostoiévski, ao final de sua vida, compreendeu que o heroísmo não se encontra mais na palavra que convence, mas no gesto que permanece. Seus heróis mais profundos são anti-heróicos: eles não vencem, não discursam, não dominam – apenas resistem no amor. Contra o heroísmo retórico dos Ivan, Raskólnikov ou Verkhóvenski, o autor contrapõe o heroísmo da presença, uma coragem sem espetáculo, feita de ternura lúcida e paciência. O bem, em sua forma mais elevada, não brilha: escuta. É discreto como uma vela, mas seu calor impede o mundo de congelar.

A partir dessa perspectiva, Míchkin e Aliócha não são apenas personagens religiosos, mas modelos de humanidade radical. O primeiro mostra a impossibilidade da pureza isolada; o segundo, a possibilidade da pureza compartilhada. Ambos expõem o paradoxo central da condição humana: para permanecer bom, o ser precisa deixar de ser inocente. É preciso ver o mal e, ainda assim, escolher o bem. Essa é a maturidade espiritual – a consciência que não elimina o sofrimento, mas o transforma em escuta. Cassedy (2005: 67) resume com precisão: «Dostoiévski ensina que a graça não está em não cair, mas em continuar a amar depois da queda».

Há, portanto, uma pedagogia da queda em sua obra: o bem não se realiza sem o mal, a fé não se purifica sem a dúvida, o amor não amadurece sem o limite. Míchkin e Aliócha não se opõem – se completam. O primeiro revela a origem do bem, o segundo sua permanência. A travessia entre eles é o itinerário da alma que aprende a amar o mundo sem perder o céu. E é nesse equilíbrio, delicado e quase impossível, que se inscreve a ética dostoiévskiana: amar não como exceção mística, mas como exercício contínuo de presença.

Ao encerrar *Os irmãos Karamázov*, Dostoiévski devolve à humanidade a palavra final: «Ame-mo-nos uns aos outros» (Dostoiévski, 2014: 783). É um gesto de despojamento e de confiança – a literatura, depois de tanto sofrimento, termina em uma promessa simples.

Essa frase contém toda a teologia laica de seu pensamento: não há transcendência sem alteridade, nem redenção sem memória. Amar, aqui, é lembrar, permanecer, não abandonar o outro mesmo quando tudo desaba. É a fidelidade silenciosa que faz do humano um espelho do divino.

A bondade, em Dostoiévski, não é uma virtude moral: é uma forma de ser. Ela é presença que escuta, olhar que acolhe, gesto que sustenta. Entre Míchkin e Aliócha, o bem encontra seu próprio corpo, aprende a respirar no mundo. O primeiro o revela; o segundo o torna habitável. A inocência é o amanhecer; a consciência, o meio-dia. A noite virá, mas a luz permanecerá – não como clarão, mas como calor. E talvez seja isso que o escritor mais quis dizer: que o bem não se impõe pela força, mas se perpetua pela ternura.

Em tempos de escuridão, a lição dostoiévskiana ainda ressoa: o verdadeiro milagre não é o da redenção, mas o da permanência. O santo não é o que sobe ao céu, mas o que

continua humano depois de tocar o abismo. A bondade, quando consciente, não é fraqueza – é resistência luminosa. E é essa resistência silenciosa, essa fidelidade ao que há de mais vulnerável no humano, que faz da ética de Dostoiévski não apenas uma filosofia do amor, mas uma ontologia da presença.

Bibliografia

- Berdiaev, N. (1972). *O espírito de Dostoiévski*. Perspectiva. São Paulo;
- Cassedy, S. (2005). *Dostoevsky's religion*. Stanford University Press. Stanford;
- Dostoiévski, F. (2013). *O idiota*. (Trad. de Paulo Bezerra). Editora 34. São Paulo;
- Dostoiévski, F. (2014). *Os irmãos Karamázov*. (Trad. de Paulo Bezerra). Editora 34. São Paulo;
- Frank, J. (2010). *Dostoevsky: The mantle of the prophet, 1871-1881*. Princeton University Press. Princeton;
- Girard, R. (1996). *A violência e o sagrado*. (Trad. de Martha Conceição Gambini). Paz e Terra. Rio de Janeiro;
- Levinas, E. (1998). *Ética e infinito*. (Trad. de João Gama). Edições 70. Lisboa;
- Ricoeur, P. (1990). *Soi-même comme un autre*. Seuil. Paris.